

O diário de viagem de Guimarães Rosa movimento e voo das palavras nas notas de 1952

Resenha de *A Boiada*, de Guimarães Rosa
[edição fac-similar]. Rio de Janeiro:
Nova Fronteira, 2011, p.11-186.

por Mônica Gama/Universidade de São Paulo

“O detalhe é muitas vezes de grande proveito, pois metido num texto dá impressão de realidade” – a afirmação é de Guimarães Rosa em carta ao pai, datada de outubro de 1953, ocasião em que continua a encomendar relatos de causos ocorridos em Cordisburgo.¹ Provavelmente, era essa a ideia que sustentava o hábito de escrita de cadernetas em suas viagens, procedimento descrito em entrevista a Pedro Bloch:

Você conhece os meus cadernos, não conhece? Quando eu saio montado num cavalo, por minha Minas Gerais, vou tomando nota de coisas. O caderno fica impregnado de sangue de boi, suor de cavalo, folha machucada. Cada pássaro que voa, cada espécie, tem vôo diferente. Quero descobrir o que caracteriza o vôo de cada pássaro, em cada momento. Não há nada igual neste mundo. Não quero palavra, mas coisa, movimento, vôo.²

Algumas dessas cadernetas estão arquivadas no acervo do escritor no Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo, e exibem notas de viagens no Brasil, na Itália, na França. Em maio de 1952, Guimarães Rosa viajou pelo sertão de Minas Gerais e Bahia, acompanhando uma boiada com caderneta presa ao pescoço; tomando notas, por exemplo, das atividades cotidianas dos vaqueiros, dos nomes de plantas e animais, dos provérbios, das cantigas, das expressões coloquiais próprias da região.

Das cadernetas escritas durante a viagem, apenas uma foi mantida pelo escritor depois de datilografada para compor o diário *A Boiada*.³ A caderneta e a versão datilografada das notas relativas à viagem foram publicadas em edição fac-similar pela editora Nova Fronteira (2011) em conjunto com a reportagem da revista *O Cruzeiro*, de 21 de junho de 1952, que divulgou a viagem.

A publicação do diário *A Boiada* permite aos leitores de Guimarães Rosa reconhecerem o processo de notação e a importância da observação da realidade sertaneja para a literatura rosiana, aspecto muito abordado por sua fortuna crítica. Esse diário é um dos manuscritos rosianos mais comentados pelos críticos, o que se deve à importância assumida na redação, sobretudo, de *Corpo de Baile* (1956) e *Grande Sertão: Veredas* (1956).

Em estudo sobre a recuperação dessas notas nas narrativas rosianas, Maria Célia Leonel conclui que “a realidade sertaneja é transfigurada pela imaginação apaixonada de Guimarães Rosa, mas nunca deturpada por ela”.⁴

O volume fac-similar do diário traz ainda, ao final, os artigos “Sertão e memória: as cadernetas de campo de Guimarães Rosa”, de Sandra Guardini Vasconcelos, e “A natureza do sertão”, de Mônica Meyer, que sintetizam aspectos de suas pesquisas acerca da relação entre o manuscrito e as obras.

¹ ROSA, Vilma Guimarães. *Relembramentos: João Guimarães Rosa, meu pai*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, p. 174.

² BLOCH, Pedro. *Pedro Bloch entrevista*. Rio de Janeiro: Bloch, 1989, p. 100. Originalmente publicada na revista *Manchete*, em 15 jun. 1963.

³ Diário *A Boiada* (80 páginas com cópia das anotações referentes ao período de 12 a 18 de maio). IEB. JGR-EO-13,01. Caixa 073; *A Boiada 2* (77 páginas, notas entre 19 e 28/5). IEB. JGR-EO-13,02. Caixa 073; e Caderneta 6 (30 páginas registrando os dias 27 e 28/5; as outras cadernetas não foram arquivadas pelo escritor). IEB. JGR-CADERNETA-06. Caixa 082.

⁴ LEONEL, Maria Célia. *Guimarães Rosa Alquimista: processo de criação do texto*. 1985. 349 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985, p. 11.

Sandra Guardini Vasconcelos chama a atenção para a “vocação de cronista” de Guimarães Rosa que se mostra na atenção à paisagem e à cultura sertanejas, redundando na construção de um cenário de minúcias. A ensaísta sublinha o aproveitamento direto do material na novela “Uma Estória de Amor”, protagonizada por Manuelzão, personagem construído a partir do sertanejo Manoel Nardy, que liderava a boiada. Além de outros tipos de emprego das notas (inclusive um projeto de narrativa intitulada *Boiada*), enfatiza-se a incorporação de formas poéticas típicas da cultura sertaneja, tais como as narrativas dos contadores de histórias, a “folia de reis, o batuque, a congada, o lundu e o bumba meu boi”. Vasconcelos avalia que é na tensão e na dinâmica entre o “documental” e o “poético e mágico” que reside a singularidade da prosa rosiana, pois, a fim de recriar esse mundo na sua obra, Guimarães Rosa

[...] aliou pesquisa, memória e imaginação, fazendo da nota que entra na composição de uma personagem ou de um cenário parte integrante da estrutura narrativa por meio de procedimentos que, muitas vezes, envolveram montagem ou desmontagem, colagem, bricolagem, estilização, providências em que a paixão pela forma sobressai, a consciência do ofício ressalta, a obsessão surpreende.⁵

Na riqueza de detalhes, Guimarães Rosa construiria a “sua cartografia da região”; nas notas, “há miríades de pequenos *flashes* que revelam o observador atento e flagram o olhar do poeta que, no ato mesmo do registro, muitas vezes transcende a notação verista e oferece um modo particular de mapear o sertão”.⁶

A bióloga Mônica Meyer, por sua vez, focaliza a presença da natureza na obra rosiana, percebendo nas descrições de plantas, bichos e paisagens um Guimarães Rosa naturalista, mas que ultrapassa a sistemática classificatória da zoologia e da botânica. Suas notas revelariam “a forma de o escritor interpretar e resignificar o mundo natural”,⁷ mostrando em suas notas – e transpondo para as narrativas – a dinâmica da paisagem (ou, como sintetiza, “as cores, os cheiros e os sons do sertão”) e a forma encontrada pelos vaqueiros para compreender intimamente essa dinâmica, sobretudo em relação aos bovinos.

Os dois artigos anexados ao diário *A Boiada* funcionam como apresentação da multiplicidade de aspectos a serem observados no texto e exemplificam a amplitude das pesquisas acerca das notas de viagem feitas pelo escritor. Cabe lembrar também a pesquisa de Ana Luiza Costa, em *João Rosa, Viator* (2002), na qual se assinala que Guimarães Rosa não foi apenas um viajante, mas um leitor da tradição dos textos dos viajantes naturalistas, registrando com minúcias em suas cadernetas o que era observado e também cuidando de uma estetização das notas.⁸ Associando as cadernetas à obra, a ensaísta conclui que a “viagem de pesquisa se desdobra então como viagem de aprendizagem da visão poética dos vaqueiros”.⁹

Entre as tantas outras características do diário, chamo a atenção para a autorrepresentação autoral a partir de um tipo de registro que busca documentar não apenas o que é observado, mas o processo de apreensão do real:

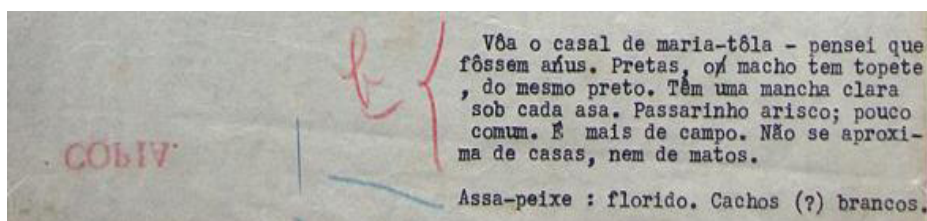


Figura 1. Fonte: Rosa, João Guimarães. *A boiada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 27.

⁵ VASCONCELOS, Sandra Guardini. Sertão e memória: as cadernetas de campo de Guimarães Rosa. In: ROSA, J. G. *A Boiada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 196.

⁶ VASCONCELOS, Sandra Guardini. *Puras Misturas*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 161.

⁷ MEYER, Mônica. *Sertão natureza – A natureza em Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 204.

⁸ Outro aspecto abordado por Ana Luiza Costa diz respeito à biblioteca de Guimarães Rosa, pois três leituras feitas pelo escritor no período são importantes para a redação do diário e das narrativas: a *Odisséia*; as narrativas de viajantes naturalistas; e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

⁹ COSTA, Ana Luiza Martins. *João Guimarães Rosa, Viator*. 2002. 270 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002, p. 330.

Ou ainda:

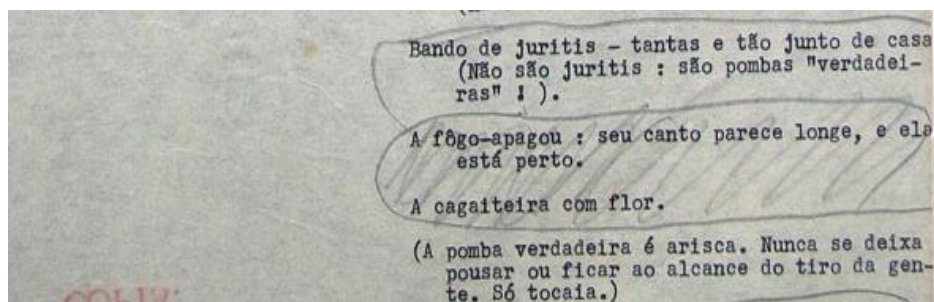


Figura 2. Fonte: ROSA, João Guimarães. *A boiada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 35.

Nas duas notações, o observador documenta o que viu e depois corrige sua informação, anotando o que pensou sobre o que foi observado. Cabe lembrar que o diário foi datilografado e, logo, seria compreensível que o autor anotasse simplesmente os traços sobre os anus ou as pombas verdadeiras, e não mantivesse o que tinha pensado inicialmente acerca dos pássaros. Porém, para tal viajante atento, é importante também documentar os seus enganos em relação àquela paisagem. O processo de anotar a primeira percepção, documentando o erro de interpretação, pode ser visto em outros manuscritos, como é o caso da notação na caderneta relativa à primeira viagem à Itália (1949): “10 minutos de parada. Uma procissão, com música. Não! É um grande enterro. (De um padre). [E eu, que não notei que a música tocava uma grande marcha fúnebre!]”¹⁰

Em *A Boiada* o procedimento vai sendo abandonado com o passar dos dias e o diário passa a documentar o que está sendo visto e apreendido em formulações mais diretas, sem as idas e vindas do conhecimento que está sendo construído, mas constantemente marcadas pela busca da formulação poética.

A edição de *A Boiada*, ainda que apresente as imagens das páginas com tamanho um pouco inferior ao original (escolha editorial estranha, já que o diário em si não é tão grande a ponto de inviabilizar uma edição totalmente fac-similar), possibilita que o leitor entre em contato com a página, os traços, as cores das anotações laterais, a letra e a datilografia do escritor, familiarizando-se com a letra na caderneta e com o cuidado de diagramador que Guimarães Rosa apresenta ao reservar uma grande margem para anotações.

Referências

- BLOCH, Pedro. *Pedro Bloch entrevista*. Rio de Janeiro: Bloch, 1989.
- CAMARGO, Frederico Antonio Camillo. *Da montanha de minério ao metal raro: os estudos para obra de João Guimarães Rosa*. 2013. 307 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- COSTA, Ana Luiza Martins. *João Guimarães Rosa, Viator*. 2002. 270 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, 2002.
- GAMA, Mônica. *Plástico e contraditório rascunho: a autorrepresentação de João Guimarães Rosa*. 2013. 332 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

¹⁰ IEB. JGR-
CADERNETA-02,
p. 13. Caixa 082.

- LEONEL, Maria Célia. *Guimarães Rosa Alquimista: processo de criação do texto*. 1985. 349 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.
- LEONEL, Maria Célia. *Guimarães Rosa: Magma e gênese da obra*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- MEYER, Mônica. *Sertão natureza – A natureza em Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- MEYER, Mônica. A natureza do sertão. In: ROSA, João Guimarães. *A Boiada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 203-231.
- ROSA, João Guimarães. *A Boiada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- ROSA, Vilma Guimarães. *Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- VASCONCELOS, Sandra Guardini. *Puras Misturas*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- VASCONCELOS, Sandra Guardini. Sertão e memória: as cadernetas de campo de Guimarães Rosa. In: ROSA, João Guimarães. *A Boiada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 187-202.